

PROGRESSO E ESCLARECIMENTO NOS EUA: UM DIÁLOGO ENTRE HENRY MILLER E THEODOR ADORNO

Joaquim Rodrigues de Sousa Neto*

Resumo: Intenta-se aqui fazer uma leitura do livro *Pesadelo Refrigerado*, de Henry Miller, a partir da filosofia de Theodor Adorno. Com esse objetivo, são considerados os conceitos de esclarecimento e progresso conforme foram desenvolvidos pelo pensador frankfurtiano, considerando principalmente a obra *Dialética do Esclarecimento*. O diálogo proposto pretende explicitar o modo como Miller compreende o desenvolvimento industrial americano durante a Segunda Guerra Mundial, a saber, como a expressão de uma ideia de progresso na qual está subjacente a barbárie. Nesse sentido, o questionamento que norteia este diálogo parece concernente ao próprio sentido da práxis humana.

Palavras-chave: Esclarecimento. Progresso. Capitalismo. Barbárie. Práxis.

PROGRESS AND ENLIGHTNMENT IN THE USA: A DIALOGUE BETWEEN HENRY MILLER AND THEODOR ADORNO

Abstract: Here we try to read the book written by Henry Miller called *The Air-Conditioned Nightmare* based on the Theodor Adorno's philosophy. For this purpose, the concepts of enlightenment and progress are considered as developed by the Frankfurt thinker, considering mainly the *Dialectic of Enlightenment*. The dialogue proposed here intends to explain how Miller understands American industrial development during World War II, as the expression of an idea of progress in which barbarism lies. In this sense, the questioning that guides this dialogue seems to concern the very meaning of human praxis.

Keywords: Enlightenment. Progress. Capitalism. Barbarism. Praxis.

Introdução

O objetivo desse artigo é apresentar as concordâncias e complementaridades entre a reflexão desenvolvida por Theodor Adorno a partir dos conceitos de esclarecimento e progresso e o relato de Henry Miller sobre o impacto do desenvolvimento industrial americano nos primeiros anos da década de 40 do século XX. Considera-se que há uma intercessão nas reflexões desses dois autores no que

*Graduado em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: Jrsn171085@gmail.com.

concerne ao problema da práxis no capitalismo avançado. Nesse momento da história, uma degradação da experiência teria atravessado não somente todos os âmbitos da cultura, mas a própria subjetividade. Essa situação teria como consequência última a perda do horizonte de uma práxis reflexiva. Com o intuito de facilitar a exposição das implicações dos conceitos a que nos referimos, inicia-se pela apresentação e definição destes conforme o texto “O conceito de esclarecimento”.

Nesse escrito, Adorno apresenta a tese de que o projeto de dominação da natureza que caracteriza o esclarecimento termina por transformar o pensamento em um instrumento. O processo de depuração que vai dos mitos à redução da experiência em símbolos matemáticos teria culminado na dominação do próprio homem, haja vista a perda da autonomia do pensamento. Nisso consistiria o processo regressivo do esclarecimento.

Essa reflexão prepara o exame do impacto causado pelo ideário burguês nos EUA quando da chegada de Miller. Nesse ponto, problematiza-se a noção de progresso tal como ele é concebido tanto na reflexão do escritor americano, quanto na filosofia de Adorno. Essa categoria estaria intimamente relacionada ao esclarecimento, na medida em que traduz a dominação da natureza em um mundo regido pelos imperativos da produção capitalista. É por meio da ideia de progresso que se delinea a questão em torno do sentido paradoxal da práxis humana na sociedade burguesa. Para tornar ainda mais explícita a discussão em torno desse problema, considera-se o artigo “Progresso”, no qual Adorno pensa o uso dessa categoria.

Partindo-se da ideia de que o progresso traria consigo o elemento regressivo do esclarecimento, pode-se pensar a questão da práxis na sociedade capitalista em sua relação com o problema da arte. Presume-se que o pragmatismo atravessaria todos os campos da cultura na sociedade de massas americana. A arte seria um desses âmbitos, na medida em que a indústria cultural impossibilitaria a sobrevivência de uma práxis que permitisse uma alternativa ao pensamento esclarecido no âmbito da criação. Para pensar essa questão, correlaciona-se a reflexão desenvolvida por Miller na obra *Pesadelo Refrigerado* e a realizada por Adorno/Horkheimer no texto “A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas”.

Nesse ensaio, os filósofos frankfurtianos sustentam que a indústria cultural teria permitido a plena realização do estilo, na medida em que suas produções obedeceriam a

modelos e fórmulas estritas e impostas pelos monopólios. As mercadorias seriam apresentadas como formas de atender a pretensas demandas dos consumidores, contribuindo, por outro lado, com a coesão do sistema e a dominação. Em outras palavras, a indústria cultural forçaria os homens a se adaptarem à sociedade totalitária por meio da repetição ininterrupta de padrões de comportamento.

Desse modo, essa indústria teria substituído a individualidade por comportamentos estabelecidos e inoculados de maneira a eliminar qualquer possibilidade de contradição no interior desse sistema. Com o intuito de tratar desse problema de maneira mais detida e analisar de que maneira ele está atrelado ao problema da práxis, estabelece-se uma relação entre a comparação feita por Miller entre o homem americano do sul e o do norte no texto “Bom notícias! Deus é amor!” e as reflexões que Adorno desenvolve no ensaio “Notas marginais sobre teoria e práxis”. Nesse último escrito, as premissas do pragmatismo americano são enfaticamente contestadas, ao mesmo tempo em que há a defesa da teoria enquanto forma de se contrapor à barbárie. Essa reflexão endossa a importância que Adorno atribui à crítica, em contraposição à obediência aos imperativos da sociedade esclarecida. Presume-se, pois, que todas as questões tratadas pelos autores nesses textos parecem conduzir em última instância a um pensamento acerca do fazer humano.

O Conceito de Esclarecimento

Em linhas gerais, o capítulo “O conceito de esclarecimento” tem como tese central a consequência paradoxal do processo de dominação do mundo natural preconizado pelo Iluminismo. Ainda que esse projeto tivesse como intuito inicial o domínio sobre a natureza externa com vistas à melhoria das condições de vida e a liberdade humana, ele termina por colocar o homem na condição de objeto, ao englobá-lo nessa mesma dominação. Esse processo seria, para Adorno e Horkheimer, o desencantamento do mundo¹¹³, a saber, a primazia do conhecimento técnico-científico

¹¹³ De acordo com Max Weber, o desencantamento do mundo consiste em um processo histórico-religioso que se inicia com as profecias do judaísmo antigo e o pensamento científico helênico e encontra sua conclusão no puritanismo protestante. Para Weber, em tal processo se evidencia um repúdio aos meios mágicos de busca da salvação (WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, 2004, p. 96). Adorno e Horkheimer, por sua vez, aplicam este conceito a um contexto mais amplo do que o estritamente religioso, estendendo-o “[...] a toda a cultura ocidental, enquanto seu princípio de explicação” (DUARTE, Rodrigo. **Mímesis e Racionalidade**, 1993, p. 59).

em detrimento de outras formas de conhecimento não instrumentalizadas. O decurso civilizacional seria caracterizado, pois, por uma “depuração” do pensamento no sentido do abandono de formas míticas de concepção da realidade.

O esclarecimento (*Aufklärung*), ao voltar-se para a natureza com o intuito de dominá-la, instrumentaliza o pensamento ao restringi-lo ao formalismo matemático e ao mero factual, neutralizando a possibilidade de uma reflexão crítica acerca de seus critérios e fins¹¹⁴. Nesse ponto, a ciência no esclarecimento, a despeito de suas pretensões e de sua ira em relação à “falta de honestidade” da magia, retoma o princípio da repetição presente no ritual mágico, porquanto, tal como a mimese¹¹⁵ tautológica do mundo expressa pelos símbolos mágicos, o pensamento restrito ao dado contenta-se em reproduzi-lo matematicamente.

A dialética entre mito e esclarecimento evidencia a precariedade deste tal como foi formulado pela tradição filosófica ocidental. O esclarecimento recebe todo o conteúdo dos mitos “[...] para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito.”¹¹⁶ Ainda que a abstração, enquanto instrumento do esclarecimento, tenha proporcionado ao homem a posição de senhor, haja vista a separação radical entre sujeito e objeto não encontrada no ritual mágico, o elemento regressivo parece inextricavelmente ligado àquele ideal, da mesma forma que as ideias de razão e progresso:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal¹¹⁷.

¹¹⁴ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**, 1985, p. 37.

¹¹⁵ De acordo com Gagnebin (1993), Adorno elabora continuamente o conceito de mimese ao longo de sua obra. No que concerne à *Dialética do Esclarecimento*, há uma rejeição da *mimesis*. Influenciados por Freud e pelos etnólogos franceses, Adorno e Horkheimer concebem esse conceito, a princípio, como uma ameaça ao processo civilizatório, pois o abandono dos homens à representação colocaria em xeque a elaboração de regras, leis e formas. A civilização teria como um de seus fundamentos o recalque da mimese originária, sobre o qual se construiria uma mimese perversa, formadora do sujeito. Os autores identificam essa segunda mimese já nas narrativas de Ulisses. É a partir dela que se poderia pensar o ardil do herói contra o ciclope Polifemo: “Para Adorno e Horkheimer, esse episódio tem uma significação exemplar: Ulisses só consegue escapar da devoração mítica porque antecipa, por assim dizer, a sua morte, chamando a si mesmo de ninguém. Essa identificação com a destruição, essa renúncia simbólica a si mesmo caracterizam a mutilação imposta ao ser indeterminado e polimorfo (como diria Freud) pela laboriosa edificação do sujeito autônomo e definido. A erradicação da barbárie e a construção penosa da civilização implicam um processo violento de negação dos impulsos, isto é, de abdicação pelos sujeitos da sua vitalidade mais originária” (p. 74). A articulação entre as mimeses retornaria ainda na contemporaneidade, na identificação das massas com os agitadores fascistas e na repulsa dirigida aos judeus.

¹¹⁶ *Idem*, p. 21.

¹¹⁷ *Idem*, p. 19.

O “domínio nivelador do abstrato”¹¹⁸ não apenas dissolve as qualidades no pensamento, mas força os homens à conformidade com o mercado. Esse mesmo domínio teria transformado todas as coisas na natureza em entes reproduzíveis e preparado o reproduzível para a indústria. Já prenunciado pelos cantos de Homero e pela filosofia de Francis Bacon, o esclarecimento seria a insígnia do progresso no mundo moderno. É sobre ele que recai o questionamento dos frankfurtianos:

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. [...] A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital¹¹⁹.

Aqui, Adorno e Horkheimer indicam a dupla alienação do homem no mundo esclarecido: primeiramente, em relação às coisas, na medida em que “O mítico respeito científico dos povos pelo dado, que eles no entanto estão continuamente a criar, acaba por se tornar ele próprio um fato positivo [...]”¹²⁰; e, para além disso, em relação a ele próprio, no autodomínio necessário à realização das funções produtivas e à obediência aos comportamentos normatizados, inoculados pelas “[...] agências de produção em massa e da cultura [...]”¹²¹. Doravante, o indivíduo “[...] só se determina como coisa, como elemento estatístico, como *success or failure*”¹²².

Na contemporaneidade, o elemento regressivo do esclarecimento se expressa em toda a cultura na sociedade burguesa, submetendo os indivíduos a uma totalidade ameaçadora e destituída de sentido. Isso porque o abandono do pensamento ao pragmatismo dominante atravessaria todos os âmbitos, desde a produção do conhecimento científico até a política. A produção massificada de bens de consumo é não somente o único critério válido para toda atividade, mas também uma forma de concentração de poder. É essa situação que Henry Miller parece identificar nos Estados Unidos durante o início da década de 40.

¹¹⁸ *Idem*, p. 22.

¹¹⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20.

¹²⁰ *Idem*, p. 52.

¹²¹ *Idem*, p. 40.

¹²² *Idem*, p.40.

Esclarecimento e Progresso nos EUA

De fato, o quadro apresentado por Miller em seu livro *Pesadelo Refrigerado*, o qual relata seu retorno aos EUA em 1939 após um autoexílio de quase 10 anos na Europa¹²³, pode ilustrar e auxiliar na compreensão do conceito de esclarecimento delineado por Adorno. Tal se evidencia já no prefácio da obra, no qual o escritor descreve a chegada do navio em que estava ao litoral americano. Em Boston, primeira parada, Miller observa, atônito, a paisagem desencantada, útil, composta de

[...] pontes, trilhos de trem, armazéns, fábricas, atracadouros, sei lá mais o quê. Era como seguir a trilha de um gigante maluco que semeara a terra com sonhos loucos. Se eu pudesse ver um cavalo ou uma vaca, ou pelo menos um bode mal-humorado mascando latas de conserva, teria sido um tremendo alívio. Mas não havia nada do reino animal, vegetal ou humano à vista. Era só um vasto deserto desordenado criado por monstros pré-humanos ou subumanos em um delírio de avidez¹²⁴.

Para Miller, portanto, e ao contrário do que poderiam bradar ingênuos entusiastas do progresso ao se reportar ao “mundo de coisas”¹²⁵ produzido pelo acelerado desenvolvimento industrial, a racionalização do espaço na metrópole moderna perpetrada pelo homem civilizado seria correspondente aos “sonhos” e “delírios” concretizados por criaturas poderosas em sua loucura e cegas em sua avidez. Por meio deste bestiário, o escritor parece indicar a violência irrefletida imposta à paisagem pelo ideário burguês em nome da eficiência capitalista. Da mesma forma, a ausência de animais e plantas, assim como de instâncias do “reino humano” não consideradas nestas mutações, indicam elementos não necessários ao processo de distribuição de mercadorias.

¹²³ Nascido no Brooklyn, Henry Miller, assim como os escritores americanos da assim chamada “geração perdida”, decidiu se mudar para Paris em 1930 com o objetivo de se estabelecer como escritor. No início do século XX, os jovens artistas pareciam buscar intercâmbio com as novas ideias surgidas com os movimentos de vanguarda que fervilhavam na Europa. Conquanto a Paris encontrada por Miller já não fosse a mesma daquela frequentada por Hemingway e Fitzgerald, a capital francesa ainda era um lócus atrativo para quem buscava novas experiências no campo da arte. O segundo romance de Miller, *Trópico de Câncer*, considerado por parte da crítica da época como mera pornografia (a despeito de suas inovações formais), dificilmente teria sido publicado por editoras americanas (o primeiro, *Crazy Cock*, escrito ainda nos anos 20, seria publicado somente nos anos 60). O escritor permanece na Europa (sobretudo em Paris) de 1930 até a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

¹²⁴ MILLER, H. *Pesadelo Refrigerado*, 2006, p. 13.

¹²⁵ “Nosso mundo é um mundo de coisas. O que mais abominamos, diante da *débâcle* iminente, é sermos obrigados a desistir de nossas frivolidades, nossos dispositivos, nossos pequenos confortos que tornaram a vida tão pouco confortável” (MILLER, 2006, p. 20).

Tal como no pensamento adorniano, a argumentação empreendida por Miller pretende sublinhar a irracionalidade latente ao progresso no contexto do capitalismo tardio. Entretanto, poder-se-ia questionar, haveria um conceito evidente de progresso que pudesse contribuir para uma compreensão mais adequada dos termos desta discussão?

Adorno, em um texto da década de 60 do século passado¹²⁶, problematiza esta categoria indicando as dificuldades teóricas inerentes ao delineamento de uma resposta precisa¹²⁷. A recusa do otimismo presente na ideologia do progresso, a qual teria sua expressão máxima na filosofia hegeliana da história, reveste-se, na filosofia de Adorno, de uma suspeita em relação à ideia de uma marcha da razão indicativa de um aperfeiçoamento contínuo da humanidade. Há, ainda, a denúncia das implicações intencionais – e, no entanto, veladas – desta concepção:

A arrogante teoria do conhecimento que insiste na exatidão ali onde a impossibilidade de um saber é inerente à coisa mesma, desencontra-se com esta, sabota a inteligência e serve à conservação do ruim, mediante a zelosa proibição de refletir sobre aquilo que a consciência daqueles que estão enredados em uma época caracterizada por possibilidades tão utópicas quanto absolutamente destrutivas gostaria de saber: se há progresso¹²⁸.

Assim, a utilização esquemática da categoria “progresso” serviria ao propósito de ludibriar as pessoas, levando-as a conceber a resposta dada como a mais fundamentada e indo de encontro a um sentimento de esperança alentador. A divulgação de certa ideia de progresso inibiria uma reflexão acurada sobre o significado de tal categoria em um contexto caracterizado pela contradição nos usos do aparato científico-tecnológico. Para Adorno, ao contrário, a reflexão sobre o progresso deveria evitar “os fatos paralisadores e os significados especializados”¹²⁹ e incidir sobre a possibilidade de impedir a catástrofe:

Exclusivamente sobre isso recai a possibilidade de progresso [...]. Nisso deveriam cristalizar-se todos os problemas relativos ao

¹²⁶ ADORNO, Theodor. **Palavras e Sinais**, 1995, p. 37.

¹²⁷ De acordo com Lowy e Varikas (1992), não é possível identificar um conceito de progresso explícito e fechado em Adorno, porquanto “[...] sua reflexão é cortada por uma tensão permanente, ou mesmo por uma recusa de decidir. Mas essa recusa é parte integrante de sua abordagem que, fiel à sua profunda desconfiança da conceituação abstrata, recusa um conceito totalizante de progresso” (p. 206-207).

¹²⁸ ADORNO, 1995, p. 37.

¹²⁹ ADORNO, 1995, p. 38.

progresso. A penúria material que, durante tanto tempo, pareceu zombar do progresso está potencialmente afastada: tendo-se em conta o nível alcançado pelas forças produtivas técnicas, ninguém mais deveria padecer fome sobre a face da terra. Que continuem ou não a escassez e a opressão – ambas são a mesma coisa – dependerá exclusivamente de que se evite a catástrofe mediante a organização racional da sociedade total, como humanidade¹³⁰.

O progresso das técnicas e dos conhecimentos não deveria ser confundido com o progresso da humanidade¹³¹. Se para Miller a palavra “progresso” tem uma acepção sobretudo negativa¹³², na medida em que é utilizada para designar o desenvolvimento industrial e a maneira como seus conterrâneos o encaravam, para Adorno esta concepção seria o aspecto regressivo, mitológico, do progresso, e não sua única ou mais acabada definição. Isto por que o progresso também pode ser concebido enquanto resistência à catástrofe total. Nisso consiste a dialética do progresso, a qual “[...] implica um ponto de vista que critica a ideia de progresso *sem removê-lo do horizonte conceitual*”¹³³.

Assim, trata-se de criticar tal ideia conforme ela se apresenta na dinâmica do esclarecimento, a saber, como um progresso da dominação operado pelos homens por meio do desvio de finalidade da ciência e da tecnologia, concebidas aqui como instrumentos de poder e controle sobre a natureza interna e externa ao homem. Sob esse ponto de vista, o desenvolvimento do esclarecimento “[...] produz o contrário do que promete, produz um mundo estranho e hostil aos homens, ao qual eles têm de se adaptar como a forças estranhas e fantasmagóricas sobre as quais não têm domínio”¹³⁴.

Ao indicar especificamente o caráter destruidor do progresso no contexto americano, Miller opera com a dicotomia norte desenvolvido/sul retrógrado, concernente à divisão dos EUA em duas grandes regiões a partir da Guerra Civil, uma industrializada, outra rural. Quanto a isto, conquanto confesse ter se deparado com condições de vida miseráveis no sul, o escritor afirma que o pior tipo de sofrimento que encontrou jazia “[...] no próprio coração do progresso”¹³⁵, a saber, no norte

¹³⁰ *Idem*, p. 38.

¹³¹ *Idem*, p. 39-40.

¹³² O adjetivo é utilizado nessa passagem em seu significado mais usual. Não concerne, pois, ao conceito de negação de Adorno, mas àquilo que é nocivo, ruim.

¹³³ LOWY, 1992, p. 207.

¹³⁴ NOBRE, Marcos. **Curso Livre de Teoria Crítica**, 2006, p. 49.

¹³⁵ MILLER, 2006, p. 31.

industrializado. Ao descrever as consequências da vitória dos estados do norte sobre os do sul, representativa do triunfo da mentalidade capitalista nos EUA, ele sustenta:

Sim, o norte industrial derrotou o sul aristocrático – os frutos dessa vitória são agora visíveis. Onde quer que haja indústria existe feiura, miséria, opressão, tristeza e desespero. [...] A terra, esparsamente povoada e produzindo ao acaso e em desperdício um enorme excedente de todo tipo, é considerada por seus proprietários um mero punhado de homens [...]. Condados praticamente desabitados, alguns tão grandes quanto um país europeu, possuídos por uma intangível corporação cujos tentáculos atingem tudo e cujas responsabilidades ninguém consegue formular ou esclarecer. Um homem sentado em uma poltrona confortável em Nova York, Chicago ou San Francisco, um homem cercado de todo luxo e no entanto paralisado pelo medo e pela ansiedade, controla a vida e os destinos de milhares de homens e mulheres que nunca viu, que nunca deseja ver e por cujo destino tem absoluto desinteresse¹³⁶.

Nesse sentido, a dominação no esclarecimento exerce-se não somente sobre as massas, mas, também, sobre aqueles que se encontram nas posições de comando no mundo administrado¹³⁷. Em outras palavras, os burgueses encontram-se tão submetidos ao sistema a que servem quanto os seus subalternos. Essa situação impede que os dirigentes dos grandes monopólios cedam às tendências de dissolução do sujeito. A dominação da natureza, que leva à dominação do próprio homem, restringe os instintos humanos por meio da repressão a custo de outras faculdades importantes, como a imaginação.

No capítulo “O conceito de esclarecimento”, essa repressão é imposta pelo imperativo da autoconservação, o qual pode ser concebido como a finalidade na teleologia do esclarecimento tal como se manifesta na história. Adorno e Horkheimer apresentam o canto XII da *Odisseia* a partir desta ideia. Os ardis do herói Ulisses frente aos encantos a um só tempo irresistíveis e mortais das sereias o colocam na posição de protótipo do burguês¹³⁸ tal como este é descrito por Miller na passagem supracitada. Ademais, a racionalidade intrínseca ao comando impõe aos subordinados e ao senhor a

¹³⁶ *Idem*, p. 34-35.

¹³⁷ O mundo administrado consiste em “[...] uma forma sofisticada de controle social de que as massas estão inteiramente excluídas e sobre a qual não têm qualquer tipo de domínio”. Dentro desse contexto, estaria vedada toda possibilidade de emancipação, visto que a razão reduz-se à capacidade de adaptação a fins que lhe são alheios e que determinam todas as instâncias sociais, desde a economia até a formação da personalidade (NOBRE, 2006, p. 47-48).

¹³⁸ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 45.

mesma sublimação das tendências que impelem à distração, em defesa da sobrevivência¹³⁹.

A indústria cultural e o problema da arte na era do capitalismo avançado

O perigo desta distração, representado na narrativa de Ulisses pelo canto das sereias, estaria na arte, concebida não como um mero objeto de fruição distanciado, mas como um conhecimento inextricavelmente ligado à existência e, portanto, posto como alternativa à vida reificada. Quanto a isto, os filósofos da Escola de Frankfurt¹⁴⁰ sustentam que a irrelevância desta esfera contrapõe com a importância da ciência, saber instrumental por meio do qual o homem impõe seu domínio universal. Nisto consiste a pretensa utilidade deste saber. Em seu relato, Miller, ao discorrer sobre a condição do artista - e de todo aquele que age descompromissado com a produção de utensílios vendáveis, sem os antolhos da autoconservação - indica o lugar relegado à arte pelo ideário burguês americano:

[...] nenhuma esperança para o artista! Os únicos que não estavam levando uma vida de cão eram os artistas comerciais. [...] Os outros viviam como ex-presidiários. A América não é lugar para artistas: ser artista é ser um leproso moral, um desajustado econômico, uma obrigação social¹⁴¹.

O sonhador cujos sonhos não sejam utilitários não tem lugar neste mundo. [...] Neste mundo, o poeta é anátema, o pensador, um tolo, o artista é um escapista, o homem de visão, um criminoso¹⁴².

Deste modo, pode-se sustentar que, nesse contexto, todos os que tomam por tarefa a desautomatização da vida, ou seja, que transgridem a gramática comportamental previamente estabelecida, assumem posições marginais em tal sociedade, as quais corresponde o desprestígio das atividades ditas inúteis ou irrelevantes pela mentalidade burguesa. No que concerne especificamente à situação da arte, tal irrelevância seria

¹³⁹ *Idem*, p. 45.

¹⁴⁰ De acordo com Matos (1993), essa expressão remete a um grupo de intelectuais formado no início dos anos 20 na cidade de Frankfurt com o objetivo de formular uma crítica radical da situação política e cultural da época. A Teoria Crítica da Sociedade, pensada por esses autores, parte da “oposição a todo pensamento da identidade, da não contradição, típico da filosofia desde Descartes, denominada pelos frankfurtianos *Teoria Tradicional*” (p. 12-13). Há uma contraposição desses filósofos a todo esforço de conversão da teoria em “estratégia política, oposta ao trabalho de reflexão” (p. 22). A centralidade do conceito de crítica no projeto filosófico da Escola de Frankfurt advém dessa oposição programática, que possibilita um questionamento dos limites da racionalidade iluminista.

¹⁴¹ MILLER, 2006, p. 19.

¹⁴² *Idem*, p. 28.

decorrente da homogeneização da produção cultural no contexto americano, consequência da subordinação de tal produção às exigências do mercado e de seu público:

A coisa mais terrível da América é que não há como escapar do suplício que criamos. Não existe um único defensor destemido da verdade no mundo editorial, nenhuma companhia de cinema dedicada à arte e não ao lucro. Não temos teatro digno desse nome, e o que temos de teatro está praticamente concentrado em uma cidade; não temos música que valha a pena, a não ser aquela que o negro nos deu, e há um magro punhado de escritores que podem ser chamados de criativos¹⁴³.

O problema indicado por Miller também aparece formulado na reflexão de Adorno sobre a indústria cultural na obra *Dialética do Esclarecimento*. De fato, no capítulo “A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas”, Adorno se reporta ironicamente ao estilo da indústria cultural, isto é, a um repertório preestabelecido de ideias que imprimem às mercadorias culturais uma previsibilidade concorde com os propósitos de dominação inerentes a elas. A imitação torna-se, então, absoluta, e a ideia do novo enquanto objeto da criação artística perde seu lugar. Em outras palavras, o novo, na fase da cultura de massas, passa a ser a exclusão do novo¹⁴⁴. O princípio da igualdade novamente se impõe, desta feita igualando a diversidade das possibilidades expressivas, uma vez que o esclarecimento é totalitário:

Tudo se passa como se uma instância onipresente houvesse examinado o material e estabelecido o catálogo oficial dos bens culturais, registrando de maneira clara e concisa as séries disponíveis. As ideias estão inscritas no céu cultural, onde já haviam sido enumeradas por Platão e onde, números elas próprias, estavam encerradas sem possibilidade de aumento ou transformação¹⁴⁵.

A comparação da indústria cultural com a teoria das ideias de Platão enfatiza a escolha de conteúdos predeterminados e pretensamente insuspeitos (haja vista corroborarem de maneira precisa com o desejo dos consumidores das mercadorias culturais) em nome da coerência do sistema e da harmonia de tal conformação com outras instâncias de dominação no mundo administrado. Do mesmo modo, a analogia

¹⁴³ MILLER, p. 206, p. 40.

¹⁴⁴ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 110.

concerne à tendência do esclarecimento em subsumir as múltiplas qualidades no interior de um sistema preciso e exato, a partir do qual se poderia deduzir toda e qualquer coisa: “O equacionamento mitologizante das ideias com os números nos últimos escritos de Platão exprime o anseio de toda desmitologização: o número tornou-se o cânon do esclarecimento”¹⁴⁶. O “estilo” da indústria cultural consistiria, pois, na redução da criatividade a “grandezas abstratas”.

Tal situação teria como consequência a perda da autonomia do artista, o qual se veria excluído dos círculos de produção de bens culturais em casos de inadequação às restrições do gosto fabricado. Eis a razão pela qual Adorno atribui grande importância às manifestações tardias da arte no início do século XX, reguardadas que estavam dos imperativos mercadológicos na Europa pré-fascista. Ele se reporta ao exemplo alemão, explanando o modo como os poderes políticos asseguraram certa independência às instituições vinculadas à produção artística, o que não poderia ocorrer nos EUA industrializado¹⁴⁷. Sobre a experiência americana, Miller sustenta:

Não são os oceanos que nos isolam do mundo – é o jeito americano de olhar as coisas. Nada se realiza aqui a não ser projetos utilitários. Pode-se viajar milhares de quilômetros absolutamente sem ter noção da existência do mundo da arte. Aprende-se a respeito de cerveja, leite condensado, produtos de borracha, comida enlatada, colchões infláveis etc., mas não se vê nem se ouve nada a respeito das obras-primas da arte. Para mim, parece nada menos que um milagre os jovens da América jamais ouvirem nomes como Picasso, Céline, Giotto ou que tais¹⁴⁸.

Ao contrário da arte tal como foi pensada pelos artistas aos quais Miller se reporta, isto é, enquanto âmbito da expressão e da experimentação, a indústria cultural teria como imperativo a diversão, o entretenimento. A ideologia, da forma como se

¹⁴⁶ *Idem*, p. 19.

¹⁴⁷ Na literatura, pode-se ilustrar tal situação por meio do caso do escritor alemão Hermann Broch: “De todos os grandes romancistas de nosso século, Broch é, talvez, o menos conhecido. Não é tão difícil compreender isso. Mal ele terminou *Os sonâmbulos*, vê Hitler subir ao poder e a vida cultural alemã ser aniquilada; cinco anos mais tarde, abandona a Áustria pela América, onde fica até a morte. Nessas condições, sua obra, privada de seu público natural, privada do contato com uma vida literária normal, não mais consegue representar seu papel no seu tempo: reunir em torno dela uma comunidade de leitores, adeptos e conhecedores, criar uma escola, influenciar outros escritores” (KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**, 2009, p. 67). No que concerne ao cinema clássico alemão, seu período de decadência se inicia já na segunda metade dos anos 20 do século XX, “[...] na medida em que os filmes americanos de sucesso comercial vão tornando mais precisa a noção de *box office*” e a indústria pesada passa a “[...] estender as asas sobre a produção cinematográfica [...]” (EISNER, Lotte. **A Tela Demoníaca**, 2002, p. 217).

¹⁴⁸ MILLER, 2006, p.153.

apresentaria nas mercadorias da indústria cultural, teria desacostumado as pessoas a sua subjetividade, na medida em que a ideia de divertimento remete a “[...] não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado”¹⁴⁹. Com isso, tais produções concorreriam para uma falsa identidade entre indivíduo e sociedade, a qual consistiria precisamente na “fuga” do cotidiano extenuante da fábrica experimentada pelos consumidores, os quais seriam também trabalhadores. Dito de outro modo: “A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação”¹⁵⁰.

O conceito de pseudoindividualidade: a reificação do homem nos EUA

No contexto do capitalismo avançado, a promessa da felicidade seria feita à custa da coisificação¹⁵¹ do homem, consistindo, portanto, na renúncia a essa mesma felicidade. As mercadorias culturais seriam, pois, “[...] modelos para as pessoas que devem se transformar naquilo que o sistema, triturando-as, força-as a ser [...]”¹⁵². A espontaneidade é suprimida, dando lugar à pseudoindividualidade, a saber, uma individualidade padronizada pelo modo de produção capitalista. O indivíduo passa a ser tolerado apenas na medida em que “[...] sua identidade com o universal está fora de questão”. Trata-se, pois, de uma individualidade ilusória. Destarte, o homem, na sociedade do esclarecimento, voltar-se-ia contra o princípio do eu, a subjetividade – delineada por tal concepção como a instância organizadora do caos, a força motriz da dominação – ao ter a sua vivência empobrecida e restrita às atividades que realiza, coagido pela sociedade em que se insere. Ocorreria, assim, uma despersonalização, a saber, os homens tornar-se-iam “[...] meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força”¹⁵³.

No que concerne a isto, é interessante notar como a oposição entre norte e sul no relato de Miller auxilia na compreensão da reificação do homem no esclarecimento. Para ele, o homem do norte - o “americano típico” – é aquele que “Está sempre bem

¹⁴⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118.

¹⁵⁰ *Idem*, p. 118.

¹⁵¹ A tradutora portuguesa de Lukács, Telma Costa, propõe traduções distintas para os termos *Verdinglichung* (reificação) e *Versachlichung* (coisificação). No entanto, para Helena Maria Ruschel, tradutora da obra *Stichworte*, parece não haver necessidade de traduzi-los de maneira distinta. Isso porque Adorno teria adotado essas palavras como sinônimas, referindo-se a um mesmo conceito (Cf. o “Glossário” de *Modelos Críticos*, 1995, p. 245).

¹⁵² ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 125.

¹⁵³ *Idem*, p. 47.

vestido com um terno barato comprado pronto, sapatos engraxados, caneta e lápis no bolso do peito, uma pasta debaixo do braço – e, é claro, usa óculos, cujo modelo muda de acordo com a moda”¹⁵⁴. E conclui, logo em seguida: “Um se parece com o outro, da mesma forma que automóveis, rádios e telefones se parecem”¹⁵⁵. Tal seria o exemplo paradigmático de cidadão de uma cidade tipicamente americana, a qual, conquanto “[...] próspera, ativa, limpa, espaçosa, sanitizada [...]”, permanece “[...] um lugar mortal, chato, morto”¹⁵⁶.

O sul, ao contrário, é descrito por Miller como um lugar onde persiste a excentricidade, os comportamentos espontâneos, a individualidade. Em contraste com os homens do norte, os do sul seriam “[...] criaturas joviais, mal-humoradas, competitivas, amantes do prazer, livres-pensadores que discordam de tudo em princípio, mas fazem a vida encantadora, graciosa”¹⁵⁷. Adiante, Miller opõe o tipo encontrado em Cleveland, típica cidade do norte, àquele comum em Charleston, cidade do sul. De acordo com ele, nesta última

[...] é preciso pregar um homem no chão para poder falar de negócios com ele. E se, por acaso, ele for um bom homem de negócios, [...] é muito possível que seja um fanático por alguma coisa de que nunca se ouviu falar. [...] E há uma coisa que nunca esfrega no seu nariz – o relógio. Ele tem tempo, muito tempo. E realiza tudo o que quer realizar em seu devido tempo; o resultado é que o ar não fica cheio de poeira, de óleo de máquina, de tilintar de caixa registradora¹⁵⁸.

O homem de Charleston parece ser avesso à lógica do mundo administrado. Sua individualidade se expressa tanto no modo como ele vive (sem se submeter inteiramente ao trabalho alienado), como em seus gostos e preferências (alheios à máquina de propaganda e aos produtos massificados). No entanto, é preciso ter em vista que as características do sulista pressupõem um desenvolvimento industrial insuficiente para consumir uma opressão mais abrangente. No norte, ao contrário, a total dominação do mundo natural corresponde à dominação completa da subjetividade, a qual se reduz aos comportamentos mimetizados, a uma práxis falsificada.

Conclusão

¹⁵⁴ MILLER, 2006, p. 51.

¹⁵⁵ *Idem*, p. 51.

¹⁵⁶ *Idem*, p. 51.

¹⁵⁷ *Idem*, p. 52.

¹⁵⁸ MILLER, 2006, p.52.

O problema da pseudoindividualidade parece conduzir à pergunta pelas possíveis propostas dos autores aqui tratados no que concerne ao que deveria constituir uma práxis humana consciente de seu fazer. Para Adorno, o problema da práxis está intimamente relacionado ao da teoria. Quanto a isto, Adorno contesta a defesa que o pragmatismo americano faz da utilidade como critério único da validade de um conhecimento, porquanto isso constituiria um comprometimento deste com a situação existente. A teoria subordinada à práxis utilitária, da mesma forma, estaria “amarrada” à imanência do sistema: “A teoria só se libertaria desta imanência onde se desprendesse das cadeias do pragmatismo, por mais modificadas que elas estejam.”¹⁵⁹

Nesse sentido, ao pensamento abandonado que se vinga dos homens, os quais, por sua vez, o esqueceram, Adorno e Horkheimer contrapõem uma “teoria intransigente”, “[...] capaz de inverter a direção do espírito do progresso impiedoso, ainda que este estivesse em vias de atingir sua meta”¹⁶⁰. Assim, para estes pensadores, o pensamento crítico é fundamental para um questionamento da finalidade histórica que aprisionou o esclarecimento dentro de uma pretensa necessidade incontestável.

Miller, por sua vez, faz referência ao “esforço sem sentido” do trabalho fabril e ao esquecimento das promessas do progresso: “Não queremos mais socorrer os oprimidos e sem-teto [...]”¹⁶¹. Em seguida, esboça uma resposta para a pergunta que ele mesmo se coloca: “Essa atividade frenética que nos mantém a todos, ricos e pobres, fracos e poderosos, em suas garras – aonde está nos levando?”¹⁶² A partir de uma concepção antropológica sem maiores preocupações teóricas, ele sustenta que, para que se possa conceber a liberdade do homem, é preciso primeiro haver *homens*, isto é, autonomia de pensamento. O que ele chama de “Reino do Homem” só poderia ser estabelecido se pudesse haver uma união calcada na obediência somente aos mais elevados impulsos da humanidade.

Poder-se-ia pensar que Miller é contrário ao que sustentam os frankfurtianos acerca da necessidade de uma teoria que seja uma forma de práxis, ao afirmar que “O impulso de se superar tem de ser instintivo, não teórico [...]”¹⁶³. Entretanto, tal

¹⁵⁹ ADORNO, 1995, p. 202-203.

¹⁶⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 52.

¹⁶¹ MILLER, 2006, p. 23.

¹⁶² *Idem*, p. 33.

¹⁶³ *Idem*, p. 24.

discordância é apenas aparente, na medida em que essa superação demanda um esforço para “[...] entender as verdades que estão em nós [...]”¹⁶⁴. Dessa forma, os homens devem assumir sua autonomia para se tornarem livres da dominação: “Os trabalhadores do mundo podem um dia, *se pararem de dar ouvidos* a seus fanáticos líderes, organizar uma irmandade humana”¹⁶⁵. Ademais, Miller também parece admitir, por outros caminhos argumentativos, a possibilidade da mudança histórica mediante a emancipação em relação ao ideário capitalista. Ele sustenta:

Como democratas, republicanos, fascistas, estamos todos no mesmo nível. [...] Nunca levantamos um dedo para defender o princípio comum, que é o estabelecimento do império do homem na Terra. [...] Lutamos apenas pelo *status quo*, nosso *status quo* particular. Na verdade, não existe nunca um *status quo*, a não ser na cabeça de imbecis políticos. Tudo é fluxo¹⁶⁶.

Nessa passagem, o escritor americano parece conceber como vãos os conflitos políticos da época. Para ele, o despertar do homem não pode ser conseguido por meio de ideologias, princípios políticos e guerras. Antes, esse despertar deve ser conquistado mediante o que seria “a verdadeira guerra”, isto é, “o homem em revolta contra sua nauseabunda natureza”¹⁶⁷. Ainda que não explicita o que viria a ser uma práxis transformadora, Miller reivindica a necessidade de uma reflexão sobre o sentido da existência humana. No entanto, o horizonte da utopia se desvanece diante do que aparenta ser uma vitória definitiva do capitalismo: “Tive a infelicidade de ser alimentado pelos sonhos e visões de grandes americanos – os poetas e videntes. Foi alguma outra raça de homens que triunfou. Este mundo que está se construindo me enche de horror. Eu o vi germinar; posso vê-lo como um projeto”¹⁶⁸.

Da mesma forma, o esforço crítico de Adorno se volta à tarefa de compreender “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”¹⁶⁹. A resposta a essa questão passaria pelo desnudamento das tendências que se manifestam no processo de transição para o capitalismo avançado. O objetivo da crítica seria colocar em questão tanto a atividade,

¹⁶⁴ MILLER, 2006, p. 24.

¹⁶⁵ *Idem*, p. 24.

¹⁶⁶ *Idem*, p. 23.

¹⁶⁷ MILLER, 2006, p.25.

¹⁶⁸ *Idem*, p. 28.

¹⁶⁹ ADORNO, 1985, p.10.

quanto o sentido da ciência nesse contexto. Para Adorno, a Teoria Crítica seria uma práxis autêntica por si mesma, visto que contrária à ausência de práxis na sociedade burguesa. No entanto, o filósofo parece não indicar o que viria a ser uma práxis emancipada para além do fazer teórico. A crítica radical ao mundo administrado não parece conduzir ao delineamento de uma utopia, mas a uma suspeita em relação aos objetivos e resultados do engajamento político das massas.

Portanto, Adorno se aproximaria de Miller também no que concerne à possibilidade de uma mudança que viesse a favorecer o aparecimento de um horizonte para a emancipação humana. No contexto do capitalismo avançado, essa possibilidade estaria suspensa pelo desenvolvimento industrial em processo de franca expansão e suas consequências para a cultura e o corpo social.

Referências:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, Theodor. **Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Mímesis e Racionalidade**. 1. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

EISNER, Lotte H. **A Tela Demoníaca**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do Conceito de *Mímesis* no Pensamento de Adorno e Benjamin. **Perspectivas**, São Paulo, n. 16, p. 67-86.

KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOWY, Michael; VARIKAS, Eleni. A Crítica do Progresso em Adorno. **Lua Nova**, São Paulo, n. 27, p. 201-215.

MATOS, Olgária. **A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo**. 1. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

MILLER, Henry. **Pesadelo Refrigerado**. 1. Ed. São Paulo: Francis, 2006.

NOBRE, Marcos (org.). **Curso Livre de Teoria Crítica**. São Paulo: Papyrus, 2006.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.